



SANTANA, Flávio Passos; MARIANO, Márcia Regina C. P. A construção do ethos na epopeia popular: um olhar sobre Lampião na literatura de cordel. In: *Revista Épicas*. Ano 2, N. 3, Jun 2018, p. 1-12. ISSN 2527-080-X.

A CONSTRUÇÃO DO ETHOS NA EPOPEIA POPULAR: UM OLHAR SOBRE LAMPIÃO NA LITERATURA DE CORDEL¹

THE CONSTRUCTION OF ETHOS IN POPULAR EPIC: A LOOK AT LAMPION IN CORDEL'S LITERATURE²

Flávio Passos Santana³
(Universidade Federal de Sergipe - UFS)

Márcia Regina Curado Pereira Mariano⁴
(Universidade Federal de Sergipe - UFS)

RESUMO: Tendo em vista o desprezo e o ressurgimento pelos quais passaram tanto os estudos épicos quanto os estudos retóricos e também por fazermos parte do CIMEEP (Centro Internacional Multidisciplinar de Estudos Épicos), especificamente do GT coordenado pela Profa. Dra. Márcia Mariano, “Olhares textuais e discursivos sobre o epos popular brasileiro”, objetivamos, neste artigo, observar como as estratégias argumentativas são utilizadas para a construção das imagens discursivas do autor, do leitor, bem como de alguns personagens na epopeia popular *Lampião, herói ou bandido?*, do escritor itabaianense João Firmino Cabral (2010). Além disso, observaremos os indícios deixados pelo autor no texto para persuadir o seu auditório. Para isso, utilizaremos os estudos da Argumentação e Retórica, da

¹ Este artigo é uma revisão e adaptação do publicado nos anais do V SENALIC, ocorrido em 2014 na UFS, sob o título “Argumentação e construção de imagens discursivas na epopeia popular” (SANTANA; MARIANO, 2014).

² Este artículo es una revisión y una adaptación del texto publicado en los anales del V SENALIC, ocurrido en 2014 en la UFS, bajo el título " Argumentação e construção de imagens discursivas na epopeia popular " (SANTANA; MARIANO, 2014).

³ Doutorando no Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal de Sergipe. E-mail: flavio_cdb@hotmail.com.

⁴ Professora Adjunta da Universidade Federal de Sergipe. Doutora em Língua Portuguesa pela FFLSCH-USP, em 2007. E-mail: ma.rcpmariano@gmail.com.

Análise do Discurso de linha francesa e alguns conceitos da Semiótica greimasiana, além de reflexões sobre as características gerais da epopeia.

Palavras-chave: Argumentação; Retórica; Persuasão; *Lampião, herói ou bandido?*

RESUMEN: En vista del desprecio y el resurgimiento por los que pasaron tanto los estudios épicos como los estudios retóricos y también por formar parte del CIMEEP (Centro Internacional e Multidisciplinar de Estudos Épicos), específicamente del GT coordinado por la Profa. Dra. Márcia Mariano, “Miradas textuales y discursivas sobre el epos popular brasileño”, objetivamos, en este artículo, observar cómo las estrategias argumentativas son utilizadas para la construcción de las imágenes discursivas del autor, del lector, así como de algunos personajes en la epopeya popular *Lampião, herói ou bandido?*, del escritor de la ciudad de Itabaiana (SE) João Firmino Cabral (2010). Además, observamos los indicios dejados por el autor en el texto para persuadir a su auditorio. Para ello, utilizaremos los estudios de la Argumentación y Retórica, del Análisis del Discurso de línea francesa y algunos conceptos de la Semiótica greimasiana, además de reflexiones sobre las características generales de la epopeya.

Palabras-clave: Argumentación; Retórica; Persuasión; *Lampião, herói ou bandido?*

Introdução

Pelo fato de as artes literárias se renovarem “constantemente em um diálogo permanente entre o antigo, o novo e a realidade humano-existencial”, o gênero épico foi considerado esgotado no século XVIII, mas, por este ser uma arte literária, conseguiu sobreviver e ainda continua vivo em muitas culturas, mesmo vestindo roupagens diferentes, assim como qualquer outro gênero que se baseia nas transformações que sofrem a partir das “manifestações literárias e artísticas em geral” (RAMALHO, 2013, p.15). Já a Retórica, por ter sido reduzida à “arte de bem falar”, principalmente no séc. XIX, também foi preterida pelos estudos da linguagem, sendo retomada pelos neoretóricos na segunda metade do século XX. Ambos, Épica e Retórica, adaptaram-se ao mundo moderno e hoje ocupam lugares de interesse nos estudos literários e discursivos, consecutivamente.

Tendo em vista essa característica em comum entre os estudos épicos e os estudos retóricos (o desprezo e o ressurgimento nas ciências humanas) e também por fazermos parte do CIMEEP (Centro Internacional e Multidisciplinar de Estudos Épicos), especificamente do GT coordenado pela professora Dra. Márcia Mariano “Argumentação e Retórica na poesia épica”, propomos, neste artigo, analisar o cordel *Lampião, herói ou bandido?*, do escritor itabaianense João Firmino Cabral, observando: as estratégias argumentativas que o autor utiliza para construir sua imagem discursiva no texto (ethos); os indícios da imagem presumida do leitor (pathos); a construção discursiva dos personagens, bem como do tempo e do espaço da narrativa, privilegiando a análise do ethos do herói em *Lampião*. Além disso, observaremos os rastros deixados pelo autor para persuadir o seu auditório no intuito de obter adesão ao seu discurso. Para tal, utilizaremos, na análise, estudos da Argumentação e da Retórica, da Análise

do Discurso de linha francesa e alguns conceitos da Semiótica greimasiana, além de reflexões sobre a epopeia, a seguir⁵.

1. Características gerais da epopeia

Em Silva e Ramalho (2007) o gênero épico é definido como um discurso híbrido e autônomo, por ser caracterizado pela presença tanto de uma instância narrativa quanto de uma instância lírica. A epopeia, alternando os gêneros lírico e narrativo, mostra, por um lado, os subsídios que estruturam a narrativa literária, e, por outro, os subsídios da lírica. Vale ressaltar que, mesmo a epopeia sendo narrativa, não se confunde com a narrativa de ficção, pois:

[...] a epopeia apresenta um eu-lírico que integra a expressão formal na estrutura narrativa (utilização do verso como unidade, exploração de recursos rítmicos e sonoros, uso da estrofação e da divisão em cantos), enquanto a narrativa de ficção tem apenas a voz narrativa, utiliza como unidade o período e divide-se em capítulos. (SILVA; RAMALHO, 2007, p. 53).

Outra distinção de extrema importância entre a narrativa de ficção e a epopeia é “a natureza da proposição da realidade estruturada” (SILVA; RAMALHO, 2007, p. 53), já que a narrativa de ficção é estruturada por uma proposição de realidade fictícia, pelo fato de ser uma elaboração imaginária da relação da existência do homem com o mundo, e a epopeia é estruturada pela matéria épica, que é a fusão entre o real histórico com o mito.

A epopeia apresenta três planos estruturais: o plano histórico, onde é manifestada a dimensão real da matéria épica; o plano maravilhoso, onde a dimensão mítica é manifestada; e o plano literário, onde se manifesta a intervenção criadora do poeta. Na matéria épica é imposta a interação entre esses planos estruturais e as dimensões real e mítica se manifestam. Por esse motivo, é nesse plano que ocorre a transcendência do herói e do relato, elementos importantes na estrutura do gênero épico.

Muitas narrativas em cordel aproximam-se dessa matéria épica, dentre elas, as que tratam do cangaço. Lampião, o mais conhecido e temido cangaceiro, resume em si essa interação entre o real, histórico, e o mito, que se formou em volta de sua figura controvertida. Seria ele um herói ou bandido?

⁵ Ressaltamos que este artigo é resultante de nossa participação no PIBIC (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica), nos anos 2013-2014, onde desenvolvemos o plano de trabalho “A construção de imagens discursivas na valorização e no resgate da cultura itabaianense”, coordenado Profa. Márcia Mariano e cujo objetivo foi depreender o ethos do itabaianense criado nos textos por escritores da cidade, colaborando ainda com a valorização da cultura local.

2. Origem e surgimento de Lampião, segundo João Firmino Cabral: uma análise interdisciplinar

Fiorin (2008), baseado nos estudos de Benveniste, nos diz que “a enunciação é a instância do *ego, hic et nunc*. O eu é instaurado no ato de dizer: eu é quem diz eu. A pessoa a quem o eu se dirige é estabelecido como tu. O eu e o tu são os actantes da enunciação, [...] Ambos constituem o sujeito da enunciação.” (FIORIN, 2008, p. 137). Nesse caso, podemos entender que o enunciador/orador do cordel – assim como todo orador - constrói seu discurso tendo em vista esse tu que, na análise em questão, é representado pelos leitores de literatura de cordel.

Como o eu e o tu constituem os sujeitos da enunciação, esta é tida como a “instância linguística logicamente pressuposta pela existência do enunciado” (FIORIN, 2008, p. 138). Portanto, para todo enunciado temos um “eu digo” que está pressuposto, mesmo que nele esteja presente “eu digo”. Por esse motivo, deve-se distinguir essas duas instâncias, que são o eu pressuposto e o eu projetado no interior do enunciado, sendo a primeira relacionada ao enunciador e a segunda ao narrador. Como o tu é levado em consideração pelo eu no momento da construção do discurso, temos um tu pressuposto, que é designado de enunciatário, e um tu projetado no interior do enunciado, chamado de narratário. Fiorin (2008) vai mais além e nos mostra ainda outro nível, que é quando o narrador dá a palavra a personagens que dialogam no texto, classificando-as de interlocutor e interlocutário, que assumirão os papéis de eu e tu nessa instância.

Devemos deixar explícito que esse enunciador e esse enunciatário são autor e leitor, respectivamente, no entanto, não podemos confundi-los com o autor e leitor reais, “em carne e osso”, visto que eles são autor e leitor implícitos, ou seja, imagens discursivas desses sujeitos construídas dentro do texto. Nos estudos retóricos, enunciador e enunciatário recebem o nome de orador e auditório, respectivamente, e as imagens discursivas a eles relacionadas constituem o *ethos* e o *pathos*.

No cordel *Lampião, herói ou bandido?*, o orador anuncia, logo na primeira estrofe, que contará quem foi Virgolino, o Lampião, a partir de sua perspectiva:

O leitor vai ler agora
Na linguagem popular
Mais um pequeno folheto
No qual pretendo contar
Quem foi esse cangaceiro
No meu modo de pensar

Sabemos que todo discurso é persuasivo, ou seja, sempre falamos ou escrevemos no intuito de modificar o outro, levando-o a aceitar, no todo ou em partes, nosso ponto de vista; negociar distâncias, etc, pois, segundo Maingueneau (2005, p. 73) “[...] O poder de persuasão de um discurso decorre em boa medida do fato de que leva o leitor a identificar-se com a movimentação de um corpo investido de valores historicamente específicos”. Nos versos acima, o autor anuncia que não pretende persuadir o leitor, mas apenas “contar”, a partir do seu “modo de pensar”, quem foi Lampião, o que sabemos que é impossível.

Nesse caso, talvez o enunciador tenha tentado mostrar ao seu auditório que é uma pessoa humilde, que não quer mudar a opinião de ninguém, mas somente expor a sua ideia, mesmo sabendo, como bom orador, qual é o seu objetivo e/ou o objetivo dos discursos em geral. Ao informar/afirmar que o leitor lerá algo escrito “na linguagem popular”, ele cria uma aproximação com esse enunciatário, que ele presume possuir também essa linguagem e, com isso, estabelece com ele uma comunhão.

Como a história narrada gira em torno da dúvida entre Lampião ser bandido ou herói, o autor traz à baila argumentos para que o leitor, ao final da narrativa, faça seu próprio julgamento, baseado nos argumentos apresentados no texto. No entanto, Fiorin (2008, p. 154), citando Cícero, diz que “o orador precisa saber o que pensam (*cogitent*), sentem (*sentiant*), opinam (*opinentur*), esperam (*exspectent*) aqueles a quem se deseja persuadir”, ou seja, esse enunciatário “não é um ser passivo, que apenas recebe as informações produzidas pelo enunciador, mas é um produtor do discurso que constrói, interpreta, avalia, compartilha ou rejeita significações” (FIORIN, 2008, p. 154). Deste modo, o julgamento que o enunciatário fará ao final da narrativa dependerá não apenas da construção do discurso do orador, mas também de seus valores, crenças e pontos de vista sobre o mundo.

Em outras palavras, um leitor nem sempre concorda com as ideias do autor. Ele pode tanto concordar quanto discordar delas, ou ainda concordar em partes, questioná-las, discutí-las. Conhecer bem aqueles a quem se deseja persuadir é um grande passo para o discurso eficaz.

Esse contato entre o orador e seu auditório não concerne unicamente às condições prévias da argumentação: é essencial também para todo o desenvolvimento dela. Com efeito, como a argumentação visa obter a adesão daqueles a quem se dirige, ela é, por inteiro, relativa ao auditório que procura influenciar (PERELMAN; TYTECA, 2005, p. 21).

O início da narrativa fala sobre a origem de Lampião, já dando indícios de sua natureza contraditória. Ao mesmo tempo que nascera em um “Lugar onde tem cabra que pega / Cascavel e come cru”, mostrando toda a coragem e a periculosidade de seus conterrâneos, retrata a família do cangaceiro como tranquila e honesta. Nessa estrofe o autor faz uso do lugar de

pessoa, trazido por Perelman e Tyteca (2005, p. 107), no *Tratado da Argumentação*, que está relacionado aos “valores derivados de pessoa, vinculados à sua dignidade, ao seu mérito, à sua autonomia”:

Filho de José Ferreira,
Um pequeno agricultor,
E dona Maria Lopes,
Mulher de honra e pudor,
Um casal muito feliz,
Honesto e trabalhador

Em outras estrofes, no entanto, predomina a bravura da família de Lampião, desaparecendo a anunciada tranquilidade, como se vê no comportamento de Virgolino e seus irmãos diante dos insultos de Zé Saturnino, “Um indivíduo perverso, / De pensamento ladino”:

Virgolino e seus irmãos,
Caboclos de sangue quente,
Não guardavam desaforo
Nem temiam aquela gente,
Revidavam aos insultos
Daquele cabra insolente

O orador, no entanto, tenta convencer o leitor de que Lampião e sua família foram desviados de seus ideais de pessoas honestas, boas e trabalhadoras. Para isso apresenta o personagem Zé Saturnino, que buscava sempre “encrenca” com a família de Lampião. Por conta dessas desavenças, o pai de Lampião, Zé Ferreira, vai embora para o estado de Alagoas, mas Zé Saturnino, com a ajuda do coronel Lucena e “Uns trinta policiais”, vai atrás da família de Lampião e mata apenas o patriarca, pois na casa só estavam Zé Ferreira e seu filho João.

Já nessa cena podemos identificar o lugar da quantidade, em que se julga que uma coisa melhor que outra por motivos quantitativos. Vemos também a “preferência concedida ao provável sobre o improvável, ao fácil sobre o difícil” (PERELMAN; TYTECA, 2005, p. 99). Aqui, este argumento tem um papel fundamental já que se a família de Lampião não era perigosa e não havia cometido nenhum crime, seria um “exagero” deslocar trinta policiais, além de Zé Lucena e Zé Saturnino para matar apenas o pai de Lampião, que foi o plano que tinham: “Já com o plano formado: / De matar seu Zé Ferreira, / Que de nada era culpado.” Porém, podemos dizer também que o autor pretendeu retratar como era a realidade da época, ou seja, quem detinha poder conseguia o que queria, pois Zé Saturnino, segundo o orador, possuía poder e convenceu Zé Lucena de “Que Zé Ferreira e os filhos, / Cada um era ladrão. / Foragidos da justiça / Não mereciam perdão.”, e de que ladrão e foragidos da polícia não pagavam seus crimes na cadeia, mas sim com a morte.

A partir desse episódio, os filhos de Zé Ferreira decidem vingar a morte do pai, e Virgolino complementa, em discurso direto:

– Daqui pra frente só Deus
Saberá o meu destino,
Acabou-se a minha paz
– Assim falou Virgolino –,
Não importa ser chamado
De bandido e assassino.

Assim, segundo o orador, surgiu Lampião, e acrescenta: “Pois a justiça da terra, / Por não agir com razão, / Gerou assim o maior / Cangaceiro do sertão.”

Foi assim com Virgolino,
Em bandido transformado,
Junto com os três irmãos,
Cada qual mais bem armado,
Enfrentou vários combates –
Em poucos foi derrotado.

Nesses versos é reforçada a ideia de que a transformação de Lampião ocorreu pela morte do pai, mas, nos versos abaixo, é dito que a mudança surgiu também pelo fato de haver desigualdades sociais entre ricos e pobres e isso fica comprovado quando Virgolino assalta a Baronesa de Água Branca e “Dizendo: – Com quem é rico / É assim que se faz!”, e depois do sucesso nesse assalto passa a repetir esse tipo de crime com frequência, “Por ser feliz na empresa. / Daí então repetia / Cada dia uma proeza.”. Temos então, no texto, duas causas apresentadas pelo autor como motivos para que a figura de Lampião surgisse.

2.1 O sentimento e a fé de Virgolino

Certo dia o Padre Cícero
Mandou pra ele um recado,
Meu digníssimo afilhado,
Venha aqui porque estou
De você necessitado

Nessa passagem da narrativa, Lampião vai até Juazeiro, assim como pediu o Padre Cícero, que estava com medo da Coluna Prestes invadir a cidade. Ao chegar, Lampião e seu bando são acolhidos com alegria; no dia seguinte, recebe o título de Capitão pelo senhor Pedro Albuquerque. Por conta do título, o orador nos diz que o cangaceiro “Tornou-se mais corajoso”. Lampião vai para a batalha contra a Coluna Prestes, mas acaba sendo atingido no pé e passa dois dias e meio com fome e acaba sendo salvo por um menino.

Uma cabacinha d’água
O garoto conduzia,
Deu um pouco a Virgolino,
Que em vez de falar, tremia,

Mas, quando matou a sede,
Chorou de tanta alegria

Podemos verificar, nessa estrofe, que, ao se deparar com a morte, o cangaceiro mostra-se humilde e sentimental, nesse caso, o orador nos dá indícios de que Lampião, apesar das atrocidades que fazia, era uma pessoa que possuía bons sentimentos e era humilde, pois chora na frente de uma criança que o ajuda em um momento crítico. Mas, após sua recuperação, Lampião volta às batalhas. Massilon, um cangaceiro, diz a Lampião que conhece uma cidade muito rica, chamada Mossoró.

Virgolino perguntou:
– Lá, quantas igrejas tem?
Massilon disse: – Tem três!
Disse o chefe: – Não convém...
Cidade com três igrejas
Não se vence com ninguém.

A partir desses versos, podemos observar, por mais contraditório que seja, a religiosidade dos cangaceiros e o respeito que Lampião tinha por cidades que possuíam santos como padroeiros. No entanto, Massilon convence Lampião a atacar Mossoró. Primeiro fez um bilhete para o prefeito da cidade, mas esse respondeu dizendo que não tinha medo de cangaceiro. Ao ler a resposta do prefeito, Lampião se sente ofendido e decide invadir, levando cinquenta homens, sem temor. No entanto, é surpreendido com um ataque “pesado”. Por conta disso, Lampião foge com seus homens e seu respeito a cidades religiosas é reforçado.

2.2 O “cabra” macho e a “muié macho” sedutora

Lampião e seu bando chegam ao sertão da Bahia, especificamente à vila de Santa Brígida, onde mora um sapateiro chamado Zé de Neném, “Um homem justo e ordeiro, / Que só com trabalho honesto / Conseguia algum dinheiro”, casado com Maria de Déa, “Quente como uma panela / Na hora que está no fogo / Quando alguém cozinha nela.”. Porém, apesar de Zé de Neném e Maria de Déa serem casados, ela não amava o esposo e até o chamava de “Um cabra frouxo e perdido/ E que preferia antes / Se amigar com um bandido.”.

Como Maria sempre ouvia notícias sobre Lampião, dizia que se o visse lhe daria sua alma, vida e coração. Assim que soube que Lampião estava na vila, Maria pediu para que sua mãe fosse conversar com o cangaceiro para falar-lhe sobre “A paixão que eu tenho nele / E diga que eu só sossego / Quando for mulher dele”. Virgolino vai conhecer a moça que “Disse:– Que prazer em vê-lo, / Adoro um homem valente!” e eles conversam sobre o casamento dela: “Ela disse: – Mas o meu / Marido não é de nada. / É um sapateiro frouxo, / Nunca deu uma brigada.”

Nesse ponto da narrativa podemos verificar os opostos valente *versus* “frouxo” e bandido *versus* honesto, e constatamos que, para Maria, homem de verdade tinha que ser corajoso e valente, não importando se fosse bandido. Já o homem “frouxo”, mesmo sendo honesto e trabalhador, não era considerado homem de verdade, tanto que ela deixou o marido para ir se “juntar” com Lampião. Se pensarmos no frouxo como sinônimo de *mole* ou *inerte*, sexualmente falando, *valente* passa a ser sinônimo de *viril*. Destacamos aqui o discurso machista que remete ao homem a obrigação de ser bom amante para ser realmente um homem.

Para convencer o cangaceiro a levá-la junto no bando, Maria faz uso da *intimidação*: “Só voltarei para casa / Se o senhor não for macho”, estratégia argumentativa que é vista no percurso da manipulação da Semiótica Discursiva. Mais uma vez o discurso machista se faz presente, trazendo a coragem como característica unicamente de pessoas do sexo masculino, restando às mulheres a fraqueza nas ações.

Nesse caso, o cangaceiro, para provar sua “macheza” diz que a leva e ainda ressalta: “Sou macho, dez vezes macho, / Nasci para topar tudo!”. Maria vai mais além e faz uso de mais uma estratégia de manipulação, dessa vez, a *tentação*: “Eu também não sou medrosa. / Tendo um rifle e um punhal, / Brigo e não fico nervosa. / Também na cama sou quente, / Fascinante e carinhosa!”. Nesses versos, a moça, conhecida depois como Maria Bonita, além de mostrar sua valentia para poder seguir no bando sem medo, mostra seus dotes sexuais para conquistar seu futuro marido. Aqui vemos, portanto, os estereótipos do homem e da mulher nordestinos, caracterizados pela valentia e destemor. No entanto, quando possuidora dessas características, ela não pode simplesmente ser mulher, mas é vista como “muié macho”. À mulher, acrescenta-se ainda, a imagem de “quente” e sedutora.

2.3 Sergipe, seus “coiteiros” e o fim de Lampião

Lampião se instala no estado de Sergipe e “Depois de vários combates / Naquele pequeno Estado, / Conseguiu muitos coiteiros”. No entanto, ao falar sobre a cidade de Poço Redondo-SE, o orador entra, novamente, em contradição:

Ali se aliou
A um coronel fazendeiro,
Que, naquela região,
Tinha capanga e dinheiro.
Esse, por seus interesses,
Veio a tornar-se coiteiro

No início da obra, o orador diz que Lampião se vingava de quem era rico, por não concordar com as desigualdades sociais. Na estrofe transcrita acima, no entanto, revela-se um cangaceiro interesseiro. Tal contradição dá indícios de que o autor não acredita no Lampião

herói, uma espécie de *Robin Hood* brasileiro, mas em um cangaceiro que buscava dinheiro e fama a partir de sua valentia. O “Lampião bandido” aparece em várias passagens da narrativa, combatendo policiais e até saqueando cidades com população carente.

Outros versos, por meio da intertextualidade, revelam essa sanção negativa do orador aos atos de Lampião: “Porém, da justiça eterna, / Ninguém pode se esconder.”. Versos em que, por meio da alusão a um discurso religioso, o autor repudia as atrocidades feitas pelo cangaceiro. Ditos populares também são utilizados para reforçar esse repúdio:

Mas ele nem se lembrava
Do ditado popular
Que se colhe o que se plante,
E ninguém pode negar
Que tudo quanto se deve
Um dia tem que pagar

Podemos definir o uso de alusões ao discurso religioso como argumentos de autoridade, como nos dizem Perelman e Tyteca (2005, p. 351): “[...] no limite, a autoridade divina sobrepuja todos os obstáculos que a razão poderia opor-lhes”. Mas também podemos entender que o orador está construindo argumentos diversos sobre a figura que ele acredita que era Lampião, como se vê nessa passagem de Perelman e Tyteca (2005, p. 350): “[...] mais das vezes o argumento de autoridade, em vez de construir a única prova, vem completar uma rica argumentação”.

Na passagem que retrata a morte de Lampião, o orador fala sobre os coiteiros, enquanto o cangaceiro estava na grotta descansando:

Confiado nos coiteiros
Ficou ali Virgolino
Juntamente a Zé Sereno,
Outro bandido ladino,
Fez ali muitas barracas
Com seu bando ferino.

Pelo fato de Lampião confiar nos coiteiros de Sergipe, não temer traição e fazer amizade com os sergipanos, diferente do que acontecia em outros estados por onde andou, o orador acaba criando na narrativa também uma imagem do sergipano, aproximando-a à imagem discursiva de Lampião. Dessa forma evidencia-se um ethos do sergipano valente, corajoso e que também compactua com as ideias e crimes cometidos pelo cangaceiro.

Porém, o Tenente Bezerra consegue descobrir seus coiteiros e os ameaça. Estes, temendo a morte, acabam revelando o esconderijo de Lampião. Na cena da morte é construída a imagem de cangaceiros inocentes que foram pegos de “surpresa” pelos policiais, vítimas de atrocidades; o orador cria aqui uma imagem de cangaceiros “do bem”:

Virgolino com Maria,
Por serem chefes do bando,
Receberam uma rajada
Que caíram arquejando.
Assim morreram abraçados
Contra a sorte praguejando.

A cangaceira Eneida
No crânio foi baleada;
Morreu no mesmo momento,
Numa pedra recostada.
Depois por policiais
Inda foi decapitada.

Até Maria Bonita
Morta, ainda foi despida.
Um soldado mau tirou
Sua calcinha em seguida,
Na gana de vê-la nua,
Mesmo seu corpo sem vida

Além disso, o autor, ironicamente, por meio da metáfora, “eleva” os cangaceiros derrotados a figuras da realeza:

Onze corpos sem cabeças
Ficaram naquela grotá:
Rei, rainha e nove cabras
Aquele quadro denota
Que o rei dos cangaceiros
Sofreu a maior derrota.

e termina a narrativa trazendo novamente um discurso religioso, aqui usando o termo “Novo Testamento” para reforçar o argumento de autoridade: “Porém tudo tem seu fim, / Diz o Novo Testamento”.

O orador termina a narrativa dizendo que não julga se Lampião foi bandido ou herói, no entanto, comprovamos, a partir de sua argumentação, que ele privilegia a imagem do Lampião bandido. Porém, tendo em vista o caráter interdisciplinar deste artigo, temos que frisar que aparece sim a figura de Lampião herói na narrativa, mas não o herói das revistas em quadrinhos, do bom moço, mas o herói da epopeia.

Para alcançar o estatuto épico do herói, precisa pisar o solo maravilhoso, ou seja, passar do plano histórico para o maravilhoso, provando a transformação mítica que, resgatando-o da consumação do tempo histórico, confere-lhe a imortalidade épica. (SILVA; RAMALHO, 2007, p. 60). Seguindo essa linha, podemos dizer que lampião também é considerado herói na narrativa, já que, a partir de seus feitos, mostrados no cordel, sua figura tornou-se imortal na nossa história e na cultura popular, principalmente do nordeste do Brasil.

Considerações finais

A partir da análise realizada, pudemos observar que, naquilo que é dito no texto, o enunciador tentou criar um ethos de imparcialidade e humildade, dizendo que o público é quem faria o julgamento de Lampião. No entanto, aquilo que é mostrado, evidenciado pela argumentação, sugere um ethos do enunciador religioso, tradicional e seguro de seu ponto de vista, que sanciona negativamente os atos do cangaceiro.

O texto ainda evidencia a imagem presumida do leitor, feita pelo enunciador. A intertextualidade, no uso de ditos populares e do discurso religioso, bem como a linguagem mais informal, revelam um pathos simples, religioso e conhecedor da cultura popular. Outras imagens discursivas são construídas e/ou reforçadas na narrativa, tanto dos personagens, quanto do tempo e do espaço em que a história acontece (o nordeste na época de Lampião): a do “cabra e da muié macho” (o sertanejo valente); do sertanejo sofrido; do nordestino viril e da nordestina sedutora; do nordeste religioso; do nordeste coronelista; do sergipano valente; do policial cruel; de um Deus vingativo, dentre outras.

Discursivamente, focalizando agora o personagem principal da narrativa, Lampião é mostrado no texto como bandido, mas literariamente, considerando o cordel uma poesia épica popular, Lampião é herói, já que, a partir de seus feitos, que podem ser comprovados historicamente e que são elencados no texto, sua figura tornou-se imortal na história do nordeste brasileiro e sua figura, mítica e contraditória, é encontrada e contada sob muitas representações.

Referências Bibliográficas

- CABRAL, João Firmino. **Lampião, herói ou bandido?** 2ª ed. Fortaleza: Tupynaquim Editora, 2010.
- FIORIN, José Luiz. **Em busca do sentido: estudos discursivos.** – São Paulo: Contexto, 2008.
- MAINGUENEAU, Dominique. Ethos, cenografia, incorporação. In: **Imagens de si no discurso: a construção do ethos.** São Paulo: Contexto, 2005. p. 69-72.
- PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da argumentação: a nova retórica.** Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 2002. [Original de 1958].
- RAMALHO, Christina. **Poemas épicos: estratégias de leitura.** 1ª ed. Rio de Janeiro: Uapê, 2013.
- SANTANA, F. P. ; MARIANO, M.R.C.P. . Argumentação e construção de imagens discursivas na epopeia popular. In: **V Senalic - Textos completos.** São Cristóvão, 2014. v. 5. p. 1-12.
- SILVA, Anazildo Vasconcelos da Silva; RAMALHO, Christina. **História da epopeia brasileira: teoria crítica e percurso.** Vol. 1. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.